

PREFÁCIO

Letícia Parks

Mulheres negras e marxismo. Palavras relativamente simples compõem uma tríade óbvia e ao mesmo tempo desafiadora. Com um breve olhar sobre os mais de dois séculos do pensamento e da prática marxista, o seu caráter antipatriarcal e antirracista é absolutamente indiscutível. Existe em curso, entretanto, uma deturpação do marxismo apoiada nas leituras economicistas e academicistas, as que separam o marxismo do sujeito social da revolução que é a classe operária. Neste livro, reivindicamos o marxismo revolucionário da nossa época que se expressou nas lições de Leon Trótski, Vladímir Lênin, Rosa Luxemburgo, C. L. R. James e tantos outros para pensar profundamente a realidade e atuar para transformá-la. É nesses marxistas e em tantos outros que compuseram as lições e experiências da nossa classe no combate contra o capitalismo, formulando essa teoria que sempre esteve como parte constitutiva o enfrentamento a todas as opressões como o racismo, que nos apoiamos para elaborar esse volume.

Escrever este prefácio e organizar este volume em meio a maior onda de mobilização de massas da história dos EUA, uma luta iniciada em rechaço ao assassinato de George Floyd, um trabalhador negro de 46 anos, que no dia 25 de maio de 2020, em meio ao surto de COVID-19, foi sufocado até a morte por um policial sob o holofote de diversos celulares. Esse show da morte negra, essencial para a reprodução do racismo, para tentar nos encher de medo e promover criminalização em massas, dessa vez foi respondido à altura. Nesse mesmo país e pós-pandemia, o apoio ao socialismo ainda que de forma abstrata cresceu mais de 10% nos jovens entre 16 e 39 anos, chegando a metade da população jovem estadunidense. No coração do capitalismo mundial chegou a 78% a população que acredita que a divisão entre ricos e pobres é um problema sério e 49% que acreditam que é necessária uma mudança no sistema econômico¹. O interesse

1 Dados da pesquisa anticomunista anual levada adiante pelo Victims of Communism Memorial Foundation, conduzida pela empresa YouGov. Disponível

da juventude pelo socialismo é um fator crucial por trás da enorme disputa dos veículos de massa e da produção intelectual burguesa para buscar substitutos neoliberais e pós-modernos para dar substrato à luta negra e de mulheres, ambas que atingiram picos massivos de mobilização nos últimos anos.

Para estancar a sangria anticapitalista que rodeia a mente da juventude e da classe trabalhadora, nos são oferecidas todos os dias alternativas políticas que buscam humanizar ou diversificar o capitalismo, como se um de nós no topo ou alguns de nós empresários de sucesso fosse capaz de transformar a realidade de um sistema que não foi capaz de conter a circulação de um vírus, e que depende do assassinato sistemático de negras e negros, do trabalho precário e da uberização para sobreviver. Que triste fim para a humanidade esse de perfumar o excremento que transborda do esgoto capitalista.

Escrevemos este livro durante meses de pandemia, enquanto víamos com nossos olhos e sentíamos na nossa pele que se abriu um novo período da história do capitalismo. Um período de crise profunda no qual quem pagou mais caro foram as mulheres, as negras e negros, as LGBTQs. Enquanto os capitalistas acumularam mais riquezas através da administração da crise sanitária, nós, trabalhadoras e trabalhadores, saímos de 2020 muito pior do que entramos, e já não vínhamos bem. Vimos a ascensão da extrema-direita a nível internacional como uma primeira resposta à crise e às derrotas de nossas lutas. O conservadorismo religioso transformou a política desses países em um campo de batalhas contra os direitos das mulheres e dos setores oprimidos. Por todo o mundo, regimes se tornaram mais autoritários, golpes foram dados – inclusive por mulheres no poder – e planos de austeridade duramente implementados.

Toda a obra capitalista para nos fazer pagar pela crise só significa que seus olhos estão voltados para cada luta que também protagonizamos. No Chile, onde se tomaram as ruas em nome do combate contra o regime herdeiro da ditadura, na França com os coletes amarelos anti- austeridade, na Argentina pela legalização do aborto. Nos EUA pelas vidas negras. Com os olhos na arrebatadora e corajosa história de combate revolucionário que marca a trajetória das mulheres e dos negros todas as vezes em que se enfrentaram com os

limites de sua própria época, a burguesia também financia qualquer ideologia que busque nos separar das conclusões mais radicais que podemos chegar. Para eles, é urgente a separação entre o marxismo e a potência das *mulheres negras*.

Quando elabora *O Capital*, Marx descreve a origem do sistema capitalista. Ao separar a humanidade de sua fonte de vida, se cria o trabalhador livre, aquele ou aquela que é dono apenas de sua força de trabalho. Mas o capital também precisou de outro trabalho para existir. Ao roubar pessoas de sua terra e vendê-las para o trabalho forçado, os primeiros mercadores acumularam riqueza para poder, séculos depois, levantar as primeiras fábricas de manufatura. A *acumulação primitiva de capital* seria impossível, segundo Marx, sem a escravidão.

A escravidão direta é tão crucial para girar as engrenagens do industrialismo atual quanto a maquinaria, o crédito etc. Sem a escravidão não haveria algodão, sem algodão não haveria indústria moderna. Foi a escravidão que deu valor às colônias, foram as colônias que criaram o comércio mundial, e o comércio mundial é condição necessária para a indústria em larga escala. [...] A escravidão é, portanto, uma categoria econômica de importância fundamental.²

A escravidão está atrelada ao surgimento do capitalismo. Em 1954, George Breitman, um militante trotskista, desenvolveria um pouco mais essa tese. Partindo do importante capítulo 26 do *Capital*, no qual Marx enumera todos os roubos que originam a acumulação capitalista, Breitman traça um caminho novo, aprimorando essa conclusão já presente em Marx, num movimento típico de uma teoria que se desenvolve a partir das experiências vivas da luta de classes.

Seria impossível entender os passos de Breitman sem entender o chão em que ele pisa. Os anos posteriores à segunda grande guerra são marcados por promessas não cumpridas de igualdade para as massas negras, que contribuem para a vitória dos Aliados sem receber nada em troca, e experimentar sob a democracia do ocidente os métodos da violência racista praticados pelos regimes fascistas supostamente inimigos. Os trotskistas como Breitman fizeram ecoar essa denúncia

2 Karl Marx e Frederich Engels, *Collected Works*, volume 12 (1975–2004), p. 101; em Kevin Anderson, *Marx nas margens: nacionalismo, etnias e sociedades não ocidentais*, São Paulo, Editora Boitempo, 2019, p. 143.

por todo o globo. No panfleto *Um chamado aos povos das colônias*³, elaborado pelo seu companheiro de partido C.L.R James, essa forte denúncia está presente:

Nos disseram que a guerra será travada para salvar a Polônia de Hitler. Isso é uma mentira! Se uma batalha for travada, será para impedir que Hitler invada a Europa e roube as colônias “deles”. Esta é a verdade que eles não ousam dizer! Se essas nações democráticas estão tão preocupadas em defender nações menores contra a agressão, por que se afastaram e permitiram que Mussolini atacasse o indefeso povo abissínio depois de ter lhes prometido ajuda? É para enganá-los que nossos mestres imperialistas estão pedindo que você se junte a eles e lutar pela democracia contra o fascismo. DEMOCRACIA! O que você conhece da democracia no Império? Em 1914, eles convocaram as massas na pátria e no Império para lutar pela democracia e pela autodeterminação. Milhões morreram nos campos de Flandres, na Palestina, no leste, oeste e sul da África. Para quê? Mais escravidão, mais opressão, mais exploração.⁴

Democratas ou fascistas, os regimes capitalistas sempre se apoiaram no racismo. Se a escravidão foi fundamental para o desenvolvimento capitalista, não estaria o próprio surgimento do racismo atrelado à gestação desse sistema miserável? Ou, antes disso, o racismo estaria atrelado aos sistemas escravistas pré-mercantis?

Não, responde Breitman nos seus escritos intitulados *Quando surgiu o preconceito contra o negro*. Recorrendo a antropólogos e historiadores, Breitman coleta a síntese presente na intelectualidade de que ao estudar gregos, egípcios, persas e todas as culturas que promoveram trabalho escravo, fica claro que “a antipatia racial, baseada na cor, é uma invenção moderna”⁵.

3 C. L. R. James, “Um chamado aos povos das colônias”, foi publicado em 29 de agosto de 1939 pela Agência internacional de assuntos africanos e percorreu muitos países da Europa e África, circulando pelas mãos de negras e negros que se opunham à guerra imperialista. Saiu pela primeira vez em português pelas Edições Iskra. Em Marcello Pablito, Daniel Alfonso e Letícia Parks, *A revolução e o negro*, São Paulo: Edições Iskra, 2019, p. 90.

4 Idem.

5 George Breitman, “Quando surgiu o preconceito contra o negro”, em M. Pablito et al., *A revolução e o negro*, op. cit., p. 55.

[...] o preconceito racial contra o negro surgiu para justificar e preservar o sistema de trabalho escravista que operava de acordo com os interesses do capitalismo nos estágios pré-industriais, e manteve-se ligeiramente modificado pelo capitalismo industrial após a escravidão se tornar um obstáculo para o desenvolvimento posterior do capitalismo e ser abolida.⁶

O racismo, entendido como a racialização da humanidade, cumpriu o papel de possibilitar a escravização não de uma etnia, de uma religião ou de um povo inimigo de guerra, mas de todo um continente, e assim, o nascimento da raça está diretamente atrelado ao nascimento do capitalismo. “Poucas coisas no mundo estão mais carimbadas pelas características do capitalismo”, dirá Breitman, nessa frase que carrega uma síntese poderosa: essa é a opressão cheia de digitais de cada um dos fundadores desse sistema de exploração em que vivemos, e certamente, se buscarmos a genealogia dos maiores capitalistas do mundo, encontraremos no seu passado essa marca. Essa síntese tem uma lógica interna também poderosa: é pelas necessidades do mercado que o mercador e o latifundiário europeu começam a racializar africanos. Essa é a típica e cruel irracionalidade capitalista, que submete a humanidade aos crimes mais atrozes em nome das regras do valor. De fato, poucas coisas no mundo são tão explicitamente cruéis, condicionadas pelo mercado e afetam o modo de vida das massas em prol do poder capitalista como o racismo.

Se a experiência da guerra proporcionou a James, a Breitman e inclusive à intelectualidade não marxista o olhar mais profundo sobre a raça, fruto da dura experiência do fascismo, a presença do rechaço ao racismo era já nativo da própria teoria marxista, quase 100 anos antes.

Kevin Anderson mostra no seu livro *Marx nas margens*, que Marx acompanhava a guerra civil estadunidense de forma bastante entusiástica. Para ele, não era simplesmente um embate entre os que queriam uma economia atrasada, baseada nas *plantations* e na subordinação ao império inglês, e os que queriam uma economia avançada, baseada na autonomia econômica conquistável apenas com industrialização.

Esses projetos de país colocaram duas alas burguesas em choque, mas não explica sozinho o enorme êxodo de escravos em fuga do sul

6 Idem.

para o norte. Abraham Lincoln convocava negras e negros para compor as alas do exército do norte prometendo a todos a emancipação do trabalho escravo, e foi em nome disso que parcelas numerosas de negros lutaram pela vitória do norte. Para Marx, mais do que um conflito entre frações burguesas, essa guerra se descreveria como uma luta dos negros pela sua liberdade, que potencializa a moral das tropas do norte e define a vitória sobre o sul. O elogio de Marx ao discurso antiescravista de Lincoln era explícito. Na ocasião da reeleição do estadunidense, o comunista envia uma carta ao presidente na qual congratula o povo pela escolha de um presidente com esse conteúdo, dizendo: “parabenizamos o povo americano por sua reeleição por ampla maioria. Se a resistência contra o Poder Escravista foi a palavra de ordem associada a sua primeira eleição, o grito de guerra triunfante da sua reeleição é de Morte à Escravidão”.⁷

Na mesma carta, Marx insiste em contar os enormes esforços que trabalhadores ingleses vinham fazendo dada a falta de insumos básicos que vinham ao país importados da América do Norte. Tais esforços, ele diz, se davam de forma paciente e solidária, pois a campanha dos socialistas em meio à classe trabalhadora era de apoio irrestrito ao norte e à liberdade dos trabalhadores forçados ao trabalho escravo.

Em todos os lugares eles suportaram, portanto, pacientemente as dificuldades que lhes foram impostas pela crise do algodão, opuseram-se com entusiasmo à intervenção escravista de seus superiores – e, de muitas partes da Europa, contribuíram com sua cota de sangue para a boa causa.⁸

Marx sustentava uma perspectiva antirracista e internacionalista. Ao olhar os rumos da guerra civil, via que o conflito entre escravos e senhores anunciaria o tipo de trabalho utilizado pelo capital moderno, e sabia que o trabalho branco não pode ser livre onde o trabalho negro está marcado a ferro. Os limites impostos pelos escravos e ex-escravos estadunidenses aos desejos escravistas dos senhores de

7 Karl Marx, *Discurso da International Working Men's Association a Abraham Lincoln, Presidente dos Estados Unidos da América*, disponível em < <https://www.marxists.org/archive/marx/iwma/documents/1864/lincoln-letter.htm> > acesso em 25 set 2019. Escrita por Marx entre 22 e 29 de novembro de 1864.

8 Idem.

escravos é saudado por Engels e Marx como uma vitória internacional da classe trabalhadora sobre o capital. A paixão internacionalista deles se manifesta também na luta contra a colonização.

A revolta de Cipayos, na Índia, contra a colonização britânica, da mesma forma que a demanda por autodeterminação do povo irlandês, são fortemente apoiadas por ambos revolucionários, construindo no quente dessas lutas o que se tornará uma tradição profundamente anticolonialista de todo o movimento revolucionário posterior. O antirracismo e o anticolonialismo de Marx marcam a tradição marxista de todo o século XX, posterior a Marx e Engels e aparecem como um vivo combate dos revolucionários tanto nas experiências vivas da luta de classes como nas elaborações teóricas de alto nível sobre a história e a luta negra que saíram das mentes marxistas, como os já citados C. L. R. James, George Breitman, Leon Trótski, Frantz Fanon, Octávio Ianni, Angela Davis, Assata Shakur, que apesar das diferenças entre si, buscaram atualizar e manter vivo esse legado na teoria marxista.

Dada a recuperação feita acima, não é uma surpresa que em 1922 seja a Internacional Comunista a primeira a publicar um manifesto internacional de luta contra o racismo. Nele, os delegados presentes no IV Congresso da III Internacional dizem que:

O negro não foi um escravo submisso; sua história é rica em revoltas, insurreições, lutas clandestinas pela liberdade, mas todas as suas tentativas de emancipação foram barbaramente reprimidas [referem-se aos negros estadunidenses[...]]

É com infinito orgulho que a Internacional Comunista acompanha como os operários negros explorados repelem os ataques dos exploradores, já que o inimigo da raça negra e o inimigo dos trabalhadores são um único e o mesmo: o capitalismo e o imperialismo. A luta internacional da raça negra é a luta contra o capitalismo e o imperialismo[...] 1) O IV Congresso reconhece o apoio imprescindível a todas as formas do movimento negro que buscam solapar ou debilitar o capitalismo e o imperialismo ou impedir sua ulterior expansão; 2) A Internacional Comunista vai lutar pela equiparação das raças negra e branca, pela igualdade de salários e por direitos sociais e políticos iguais.⁹

9 "A questão negra: resoluções do IV Congresso da III Internacional Comunista", em M. Pablito et al., *A revolução e o negro*, op. cit., p. 43-46.

Que legado, não? Este é o verdadeiro significado do marxismo para a luta negra. Mas este é um prefácio com uma dupla tarefa, isso porque neste livro nos damos o desafio de debater não apenas a dura realidade não das negras e negros em geral, mas das mulheres negras, com a preocupação de transmitir ao leitor que apesar da forma genérica “mulheres”, escolhida para facilitar o entendimento, consideramos como parte da nossa luta também a liberdade de gênero, e por isso consideramos nesta obra a enorme variedade de determinações de gênero que, pela LGBTfobia, faz com que sejamos aliados juntas, juntos e juntas no combate ao patriarcado.

Falar sobre as “mulheres negras” nos lança a esse resgate valioso do lugar do marxismo também na luta das mulheres e da livre expressão da sexualidade. Nesse terreno, é importante apontar a enorme contribuição que deixa Engels no livro *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, que é a primeira obra a localizar o patriarcado como uma ferramenta para potencializar a dominação de uma classe sobre a outra, e que a família enquanto uma instituição burguesa é a forma de concretizar essa relação de opressão, já que é através dela que se atrela a mulher ao trabalho doméstico e de reprodução da vida de forma não remunerada, como verdadeiras escravas do lar.

Ao desenvolver essa tese, Engels anuncia o lugar privilegiado do combate ao patriarcado que marcará a luta revolucionária inspirada no marxismo. Para além das muitas revolucionárias que contribuíram com o aprimoramento dessas ideias, como Aleksandra Kollontai, Clara Zektin, ou mulheres como Rosa Luxemburgo, que além de colocar corpo e alma a serviço da revolução, sendo uma das principais dirigentes revolucionárias da história e debatendo de igual para igual com dirigentes homens de sua época, impulsionou fortemente a organização das mulheres, entre outras *Lutadoras*, em letra maiúscula porque se tornaram livro publicado também pelas *Edições Iskra*. Essas ideias ganharam força material de forma brilhante em muitos momentos da história, com as mulheres assumindo a linha de frente de alguns dos principais combates da classe trabalhadora contra a exploração. A maior obra já produzida pela classe trabalhadora organizada em partido, a Revolução Russa de 1917, tem sua largada dada pelas mulheres trabalhadoras têxteis, e foi também produtora da legislação mais progressista na história sobre o matrimônio e a família, tendo sido o primeiro país do mundo a legalizar o aborto com a

Declaração dos direitos da saúde, de 1920, e a desburocratizar o divórcio com a *Declaração do matrimônio e da família*, em 1918.

Como revolucionários da *práxis*, as e os bolcheviques sabiam que não bastava que os direitos estivessem descritos no papel. Sua preocupação era que a igualdade perante a lei deveria ser materializada como igualdade perante a vida, e que essas coisas não se conectam automaticamente. Por isso, as e os bolcheviques passaram a instalar uma série de medidas de estatização do trabalho doméstico, como restaurantes e lavanderias públicas. O estado operário soviético, dirigido pela classe trabalhadora organizada, tendo na vanguarda da revolução um partido marxista foi o único Estado da história que se comprovou profundamente preocupado com a vida das mulheres, e isso é o verdadeiro significado do marxismo.

Também foi o marxismo a ferramenta dos tantos combates neste e em outros países pela liberdade sexual, pelo amor livre, pela livre expressão de gênero e por tantas lutas proletárias em nome da igualdade entre homens e mulheres, desde o salário até as condições de trabalho. Foram muitas as mulheres protagonistas de batalhas históricas dentro do movimento operário, na luta por igualdade salarial que percorre as décadas de 1960 a 1980, momento em que os capitalistas atualizam o discurso do patriarcado por conta da guerra, assumindo o lugar das mulheres no trabalho fora de casa, mas com menores salários e menos direitos. No artigo *Violência Patriarcal e Punitivismo*, contamos com uma contribuição marxista para a luta das mulheres contra a violência de gênero.

O marxismo é uma teoria apegada ao acúmulo de luta de classes de uma época. Marx elaborou o que foi possível se desenvolver através das experiências da Comuna de Paris, da guerra civil estadunidense, das lutas anticolonialistas, e nesse marco, deixou demarcado o que se poderia entender como um guia para orientar a atuação revolucionária. O antirracismo se constrói como uma marca do movimento proletário comunista; o anticolonialismo como uma premissa do internacionalismo proletário. É por isso que neste prefácio também é preciso separar o nosso marxismo de todas as teorias que, falando em nome dessa tradição, rasgam e pisoteiam esses fundamentos tão preciosos.

Com as novas dificuldades do processo histórico, houve aqueles como Stálin que negaram o caráter internacional da revolução, defendendo a aberrante teoria da revolução num só país. Também foram os stalinistas que, diferentemente das resoluções de 1922 da

III Internacional, defenderam que a luta dos povos coloniais e negros deveria ser pela conquista de uma democracia capitalista plena, como se a revolução se desse em etapas e estágios, o que sequer foi verdade na própria Rússia. Assim, entregou potentes ações negras proletárias e camponesas nas mãos de direções burguesas, com as quais se relacionou pacificamente sem qualquer delimitação. Em nome de uma coexistência pacífica, não se enfrentava com os democratas do bloco Aliado.

Um dos exemplos mais duros vem justamente da França, onde o Partido Comunista da III Internacional obteve cadeiras no parlamento e, em meio à Guerra de Libertação da Argélia, defendeu uma política chocante. No dia 12 de março de 1956, o governo do “socialista” Guy Mollet proporia ao parlamento francês que votasse um ato de “poderes especiais” para agir na Argélia revolucionária, ao qual Jacques Duclos – representante do Partido Comunista – votaria a favor. O ato permitia ao governo francês convocar reservistas do exército para reprimir o povo argelino e suspender a garantia de liberdades civis na Argélia. Posteriormente, sob o mesmo ato, o governo francês dividiu a Argélia em três zonas, na terceira das quais, batizada de “zona proibida”, argelinos liberacionistas foram colocados em campos de concentração sob controle do Exército francês. A declaração de voto favorável ao governo de Jacques Duclos foi panfletada pelo Partido Comunista Francês, e é expressão de sua total falta de anticolonialismo e de perspectiva revolucionária para a luta nos países colonizados¹⁰.

Essa política, ainda que separada no tempo de Stálin, é a continuidade da lógica do socialismo num só país, premissa com a qual orientou durante todo o seu momento de liderança da URSS e que tornava os partidos comunistas de todos os países meros diplomatas a serviço da estabilidade do regime soviético, abrindo mão de apresentar saídas revolucionárias independentes frente às burguesias “democráticas”, consideradas pela orientação stalinista aliadas do seu regime. Conhecida como *coexistência pacífica*¹¹, essa orientação permitiu que traições desse tipo se alastrassem por todo o globo, impedindo o desenvolvimento de processos revolucionários e

10 A carta de Duclos está disponível em < <https://www.marxists.org/history/algeria/1956/duclos.htm>>. Acesso em 01 mar 2020.

11 Emílio Albamonte e Matias Maiello, *Estratégia socialista e arte militar*, São Paulo, Edições Iskra, 2020.

um posicionamento abertamente independente tanto de burguesias de países colonizados quanto de países imperialistas, como se demonstra no caso Argélia-França.

Da mesma forma, a teoria da linearidade histórica levou a que em países assim chamados atrasados, os partidos stalinizados defendessem uma revolução democrática para desenvolver o capitalismo como etapa necessária antes da revolução. Em países como o Brasil, o PCB com essa lógica apoiou Getúlio Vargas, sem dar nenhum combate por décadas à tese da democracia racial que se torna política de Estado durante a ditadura desse mesmo presidente. Getúlio Vargas era aliado do grande agronegócio, da construção civil. Imaginem o que era para os negros ouvir que era preciso se aliar com seus algozes?

Mas essas deformações do marxismo não seriam levadas adiante pacificamente. Enquanto Stálin traía a revolução russa e junto disso afundava em falseamentos as bases do pensamento marxista, Leon Trótski batalhava, na clandestinidade e em fuga tanto das agências do capitalismo europeu e estadunidense quanto dos agentes da KGB, pela atualização do legado de Marx e Engels frente aos novos eventos da história, porque assim é o marxismo: uma teoria que precisa se comprovar na realidade e responder aos novos problemas trazidos pela luta de classes. Trótski, junto de Lênin, vivera a revolução russa como parte da sua direção, à frente do Exército Vermelho, e explicou o sucesso do processo não nas condições particulares da Rússia – como faria Stálin – mas no que ele vai chamar de *Teoria da Revolução Permanente*.

Trótski percebe que o atraso econômico vivido na Rússia jamais poderia ser superado pela burguesia nacional, porque o seu limite não era a submissão ao imperialismo inglês ou alemão, mas o próprio caráter reacionário da fase imperialista do capitalismo, ou seja, que o “atraso” econômico dos países de capitalismo tardio não se resolveria desenvolvendo o capitalismo, mas justamente fazendo uma revolução socialista.

É uma matemática simples, a da teoria da revolução permanente: se olhamos para os EUA hoje é possível ver que avançar o capitalismo ao limite de suas capacidades não significará o fim do massacre promovido contra jovens negras e negros, contra trabalhadores, não impedirá que a pandemia corroa as vidas trabalhadoras, impedidas de isolamento social e de se proteger da pandemia. Brasil e EUA são os países em que negros tem quatro vezes mais chances de morrer por COVID-19, é o país no qual uma mulher negra recebe salários de 60% a 70% a menos que um homem branco

O fato de serem, ao mesmo tempo, principal imperialismo (EUA) e semicolônia (Brasil), não faz com que a realidade dos negros seja tão diferente, e mostra que o horizonte mais avançado de uma história capitalista para os negros significa exatamente a mesma vida – e a mesma morte – que já vivemos hoje, aqui e agora.

Mas a Revolução Permanente diz ainda mais, e aqui convido vocês a fazerem um exercício: todos já ouviram samba, já viram os movimentos da capoeira, já devem ter lido ou ouvido falar sobre os quilombos, sobre as revoltas negras, sobre as líderes mulheres que as negras foram na nossa história de luta pela liberdade, como a Aqualtune Palmares, a Tereza de Benguela, já devem ter lido ao menos um trecho do diário da Carolina Maria de Jesus. Imaginem então quais seriam as transformações que a cultura negra poderia promover se estivesse livre das amarras capitalistas em uma sociedade sem classes? As massas trabalhadoras brasileiras, uma maioria negra, sob opressão e dor produziram o que há de mais lindo na nossa cultura. A tomada do poder libertaria toda essa energia represada na cultura da população negra. Essas transformações são parte do início do surgimento de uma nova sociedade.

E isso é só o começo, porque a Teoria da Revolução Permanente também deixa claro que a revolução socialista se inicia no âmbito nacional, mas só pode culminar quando o socialismo se estabelecer em escala global, impedindo qualquer retorno às relações capitalistas de produção. Imaginem tudo o que significa a história da população negra no Brasil, sobre a incansável produção de beleza mesmo em meio à dor, e imaginem o mundo traduzido nas vozes e olhos de milhões de mulheres, libertadas da opressão patriarcal. Imaginem a sexualidade sem o limite da família e da prisão do corpo. Imagem o prazer sexual separado da reprodução.

Poderíamos parar esse exercício para fazer um outro. Conseguimos imaginar um mundo muito mais bonito, não? Mas porque ele não é assim? Porque sem racismo, sem patriarcado e sem xenofobia é impossível imaginar do que seria feito o capitalismo. Esse sistema que se baseia na exploração do trabalho humano - no fato de que nos pagam muito menos do que vale o nosso trabalho e nos impedem de usufruir do que construímos e produzimos - consegue potencializar muitíssimo a exploração através de cada forma de opressão. É possível que a separação da humanidade entre homens e mulheres, com distintos papéis de gênero, uma separação patriarcalista prévia ao capitalismo, como Engels mostra, tenha ensinado à burguesia e

seus intelectuais que dividir a humanidade é uma forma valiosa de conquistar mais poder, de potencializar a exploração e de garantir uma forma de dominação muito mais segura contra uma massa muito mais numerosa do que a classe dominante.

Aqui no Brasil, como está desenvolvido no artigo publicado neste volume *Anatomia da classe trabalhadora no Brasil: feminina e negra*, é com a tríade racismo-patriarcado-exploração que os capitalistas conseguem lucrar muito mais com o trabalho das mulheres negras, que recebem em média 64% a menos que os homens brancos, isso num país onde negros e mulheres, e suas intersecções, representam uma ampla maioria da classe trabalhadora. Na divisão internacional do trabalho, o baixo valor dos salários que atrai capitalistas do mundo inteiro para superexplorar trabalhadores brasileiros só é possível pela mecânica geral de redução salarial utilizada através do uso do racismo e do patriarcado como ferramentas. É por isso que para nós, a luta contra o racismo e o patriarcado é uma luta contra o capitalismo, mesmo que vivamos em um país onde nos falte o que existe de mais avançado do capitalismo, o que acreditamos, junto de Trótski, que só é possível conquistar com uma sociedade controlada por essa imensa massa trabalhadora, de maioria feminina e negra.

Não se trata aqui, como explicamos no artigo *Feminismo, interseccionalidade e marxismo*, de fazer uma somatória entre as opressões e a exploração. Se trata de reconhecer a burguesia como um inimigo da verdadeira emancipação das mulheres negras, e portanto, se afastar de qualquer ilusão de que com algumas de nós no topo, representadas, o racismo e o patriarcado chegam ao fim. Não são dois mundos separados, o do topo e o do chão. É um mesmo mundo capitalista, em que as mulheres negras no topo, se olharem ao chão, ainda o verão sujo de sangue negro, feminino, LGBT e operário. Símbolo disso é que no contexto político da câmara de deputados mais negra da história brasileira, a primeira morta por COVID-19 tenha sido uma doméstica negra carioca. A especificidade dessa realidade das domésticas está fortemente pensada no artigo *Notas sobre empregadas domésticas no Brasil e os resquícios da escravidão negra*.

Para nós, feministas socialistas, se trata de uma concepção profunda da realidade de exploração como base da sustentação de todas as opressões, e nesse sentido, nos leva a buscar construir em cada luta, em cada greve, em cada local de trabalho e estudo, um combate contra a estrutura econômica da sociedade, tal qual fizeram as lutadoras haitianas que na primeira revolução negra da história,

foram combatentes decididas. Uma parte da história delas, contamos no artigo *As mulheres na Revolução Haitiana*, originalmente publicado como episódio do podcast *Feminismo & Marxismo*, que tem sido impulsionador de fortes reflexões sobre as mulheres negras. *Dandara, Aqualtune e Luiza Mahin: mulheres negras na luta contra a escravidão no Brasil* ajudam a construir as referências das mulheres negras revolucionárias de nosso país, essas que encararam o desafio de se enfrentar contra as bases econômicas de sua época. *As mulheres na vanguarda da luta antiapartheid*, publicado no livro *A Revolução e o Negro*, ganhou uma nova versão especial para este volume, e serve como inspiração para o levante de novas mulheres desafiadoras, essas que em regimes autoritários e protofascistas se lançaram a ser vanguarda em combates essenciais. Outras lutadoras negras de nossa história têm suas emocionantes trajetórias contadas no anexo *Lutadoras*.

Contamos no artigo *As mulheres negras na luta por Black Lives Matter*, como essa luta não surgiu do nada, mas de um acúmulo secular de mulheres negras na vanguarda dos principais processos históricos desse país, desde a luta contra a escravidão até os dias de hoje. Esse artigo, elaborado por duas companheiras que participam, nesse momento, das jornadas de luta nos EUA, é fortalecido pelas histórias contadas no bloco *Lutadoras* de algumas dessas personagens históricas negras que foram linha de frente. Estão ali as histórias de *Sojourner Truth*, *Harriet Tubman* e *Rosa Parks*.

A luta pelas vidas negras é expressão de um acúmulo de sintomas duros da crise capitalista sobre as costas de negras e negros, como parte do setor mais atacado da classe trabalhadora, que está ameaçada pelos capitalistas a pagar os custos da crise. As negras e negros foram os mais afetados pela crise de 2008, já que mesmo antes de estourar a bolha imobiliária, muitos já estavam morando na rua, sem conseguir pagar as próprias hipotecas. No Brasil, a ofensiva neoliberal e a crise de 2008 tiveram como resposta por parte da burguesia a implementação do cruel regime de trabalho terceirizado, sobre o qual debatemos no artigo *Pele negra e rosto de mulher: terceirização, mulheres negras e luta de classes*.

Hoje, todos podemos ver que a crise sanitária tornou latentes as maiores brutalidades desse sistema. Uma crise que mostrou suas garras no Brasil do golpe institucional, governado hoje por um representante do que existe de mais asqueroso da burguesia nacional. Bolsonaro, tutelado por militares e parte de um regime político herdeiro do golpe

institucional, é a ponta do iceberg de até onde os capitalistas podem chegar para fazer com que nós, a classe trabalhadora, e em primeiro lugar as negras e negros, paguemos pela crise que eles criaram.

A revolta que vimos nesse ano de 2020 nos dá inspiração e aos capitalistas, medo. Isso porque não se restringiu às fronteiras raciais alimentadas pelos capitalistas. O enorme apoio da população branca nas marchas é impressionante. Se somam também movimentos sociais e ativistas socialistas de diversas etnias, ativistas LGBTQs e feministas e, orgulhosamente, uma sequência de centenas de greves operárias também percorrem o país, exigindo justiça a George Floyd, Breonna Taylor, e tantos outros assassinados pela polícia, e com os métodos de greve, paralisação e piquetes, várias categorias, como portuários e professores, exigiram a saída dos policiais dos sindicatos operários, movidos por uma conclusão que deveria ser de toda a esquerda a nível mundial de que policiais não são trabalhadores, conclusão essa que conduz toda a reflexão presente nos artigos *A mulher negra e a polícia: vidas ceifadas, sonhos destruídos* e *Um debate com Mbembe e a tese de necropolítica em tempos de pandemia*.

Esses artigos buscam contribuir para uma leitura teórica sobre o papel da polícia e da repressão estatal, fortalecendo as bases para aqui no Brasil, em coro com a luta pelas vidas negras nos EUA, dizer com toda a certeza que lutamos pelo julgamento de todos os policiais assassinos e torturadores por júris populares, pelo fim dos autos de resistência, como parte de uma luta pelo fim da polícia. No curso desse combate, fazemos uma crítica fraterna a todos os setores da esquerda que buscam manter diálogos com as forças policiais, como o PSOL, que nas últimas eleições promoveu um policial a candidato a vice prefeito para a cidade do Rio de Janeiro – onde a violência policial atinge níveis recordes para o país – e o PSTU, que chegou inclusive a apoiar motins policiais, como o do Ceará em 2020.

As mais de 800 greves e as marchas que totalizaram por todo o país picos de 4 milhões nas ruas compõem o cenário da maior luta de massas na história dos EUA, inaugurando o que pode ser um novo ciclo de grandes fenômenos de luta de classes frente a uma crise histórica do capitalismo. A entrada em cena da luta negra levou a que surgissem diversos grupos capitalistas da televisão, da indústria cultural, banqueiros e empresários da uberização do trabalho, tentando sequestrar o conteúdo subversivo de nossa luta e nos enquadrar no teto de aspirações do sistema capitalista, que até pode aceitar que sejamos chefes, patroas, intelectuais ou políticas de

destaque, mas nunca poderá se livrar do racismo e do patriarcado que garantem tantos lucros. No artigo *Armadilhas do liberalismo na luta das mulheres negras* entramos em debate com algumas dessas armadilhas neoliberais, que buscam controlar nosso teto de aspirações e oferecer saídas para o racismo que se resumem ao combate individual daquela uma que chega ao topo ou daquela uma que nos representa.

Essas armadilhas contaram com o apoio das burocracias sindicais, de representantes de destaque dos movimentos sociais e também dos partidos reformistas, que querem a todo custo evitar os enfrentamentos mais decisivos contra o racismo, o patriarcado e o capitalismo. Para isso é preciso se preparar para que nossa luta não se resuma a mais alguns séculos de resistência, mas nas medidas habilidosas de organização, programa e política para que possamos vencer.

Como disse Breitman, “depois de lançado no mundo, o racismo assume novas formas”. A forma do racismo em nosso tempo é indissociável da sua associação monstruosa com o patriarcado. Um racismo cuja forma se manifesta no fato de que as mulheres negras são 3 a cada 4 mortas por abortos clandestinos, são as maiores vítimas do trabalho precário e terceirizado, são as que mais sofrem de fome e insegurança alimentar, são as que perdem as vidas de seus filhos para as mãos da polícia, são os maiores alvos da extrema-direita. Somos ao mesmo tempo as mulheres mais odiadas por Bolsonaro, Trump, pelos militares amantes da tortura e pelos agentes da repressão estatal, mas exclusivamente porque somos as que não tem nada a perder no enfrentamento com esse sistema.

É por isso que é preciso se preparar, diria Trótski lado a lado de Lênin e também de Luxemburgo, em suas últimas conclusões sobre a teoria de partido. É preciso fazer partido para pensar estrategicamente os rumos da organização e da luta da classe trabalhadora, se defender das ofensivas do capitalismo quando avançamos a nossa luta, fugir de todas as tentativas de cooptação, aprender com os erros, não se satisfazer com as vitórias parciais, e buscar aumentar uma vanguarda revolucionária capaz de se enfrentar com os grandes limites impostos ao nosso movimento pelas burocracias sindicais e dos movimentos sociais, que sempre vão tentar nos convencer de que existe alguma frente ampla com uma direita amiga, ou um candidato burguês “menos racista”, ou uma “política empresarial” antirracista. Fazer partido revolucionário se trata de construir partidos para o combate da nossa classe, para organizar e fortalecer nossas lutas, e não apenas

para a disputa parlamentar. Trata-se também de almejar o norte mais profundo do combate contra a opressão que sofreremos como mulheres negras: a certeza de saber que só ao lado de nossas irmãs e irmãos trabalhadores de todas as cores, organizados a nível nacional e internacional, é que é possível colocar um fim as nossas dores. A revolução socialista é, leitoras e leitores, a única forma possível de fazer com que as vidas negras importem, e para isso, é preciso construir partidos de combate da classe trabalhadora com uma estratégia socialista.

Este é o nosso feminismo. Um feminismo que não trata da ascensão de uma ou duas mulheres, ou que resume nossa luta a algumas benfeitorias capitalistas, como querem nos fazer crer os velhos e novos reformistas. Nosso feminismo não acredita na repetição dos caminhos de conciliação com a burguesia e alianças com a direita como fez o PT, que em seus 13 anos de governo, permitiu que milhares de mulheres morressem por abortos clandestinos em nome de alianças com as bancadas evangélicas e o Vaticano. Um PT que enquanto governou manteve as tropas brasileiras no Haiti, estuprando as mulheres, torturando e assassinando um povo em nome do imperialismo estadunidense. As características desse governo foram moldadas por suas alianças com a direita, e nesse sentido, é uma debilidade muito importante a política do PSOL, que se adapta às instituições do regime do golpe, ou do PSTU, que diretamente chegaram a apoiar o golpe institucional com a política de Fora Todos diante do *impeachment* de Dilma Rousseff.

Nosso feminismo não é o feminismo negro empreendedor, que fala em nome dos topos dentro do sistema capitalista, fechando os olhos para o drama de milhões e sonhando com um capitalismo mais diverso, um feminismo em debate no artigo *As armadilhas do liberalismo na luta das mulheres negras*. Nosso feminismo reivindica o direito à autodeclaração da enorme massa de mulheres negras, e se recusa a lidar com a experiência da opressão através de hierarquizações ou rankings de sofrimento. Nossa luta é para que as opressões cheguem ao fim, e para isso, é preciso levar adiante um combate de classe contra o capitalismo. A identidade, a autodeclaração e a luta pela massificação da identidade negra neste volume recebe um artigo especial que busca dialogar com a intrigante pergunta *Quem é negro no Brasil?*.

Nosso feminismo viaja na história da construção do marxismo revolucionário e reúne as ferramentas da experiência prática dessa

teoria para falar da grande massa explorada de mulheres negras: das domésticas, das terceirizadas, das professoras, das enfermeiras, das auxiliares de enfermagem, das trabalhadoras por aplicativos, das donas de casa, das feirantes, das cozinheiras, das jovens estudantes em plena descoberta de si e do mundo. Entendemos que na raiz de todas as opressões está a realidade material que a sustenta, e é por isso que em cada combate contra o conservadorismo, o racismo e o patriarcado, atuamos estimulando a organização das mulheres e homens trabalhadores contra a exploração do nosso trabalho, a estrutura que mantém vivo o poder dos grandes capitalistas e que constrói sobre si as distintas ideologias que a mantêm, como são as opressões. Como explicamos no artigo *Feminismo, interseccionalidade e marxismo*, para vencer contra o patriarcado e o racismo, é preciso encarar as tarefas estratégicas da nossa classe, ao que não nos serve fazer uma somatória entre as opressões e a exploração, mas sim entender que sem destruir as bases do sistema capitalista, o drama das mulheres, das negras, das LGBTQI+ atravessará novas décadas e séculos.

Buscamos contribuir com este volume para construir um feminismo para se opor ao sistema econômico de exploração, falando de todas, da enorme maioria de mulheres que são as exploradas, buscando nesse combate batalhar pela emancipação de todas as mulheres negras, junto da emancipação de toda a classe trabalhadora e do povo pobre, contando com cada lutador e ativista anticapitalista e antirracista como nossos aliados.

Como disse León Trótski, “os operários negros, devido a toda sua posição, não tendem e nem podem tender a humilhar alguém, a restringir ou privar de direitos, não estão em busca de privilégios e podem atingir o topo apenas por meio da revolução internacional”¹². A separação entre a luta negra, a luta das mulheres e a luta de classes nunca foi, em toda a história, mais artificial do que é hoje em nosso país, frente à composição da classe trabalhadora e frente ao acúmulo de lições da luta negra e das mulheres que nos traz até hoje. Recuperando o legado marxista, do qual os teóricos liberais e pró-burgueses tentam de toda forma nos separar, dizemos com toda a certeza que as negras brasileiras, a quem o capitalismo só

12 Leon Trótski, “Mais perto dos proletários de raças ‘não brancas!’”, em Marcello Pablito et al., *A revolução e o negro*, São Paulo: Edições Iskra, 2019, p. 160.

entregou miséria e superexploração, estão convocadas pela história a se tornarem vanguarda da classe trabalhadora brasileira, para, parafraseando James, escrever “alguns dos mais massivos e brilhantes capítulos da história do socialismo revolucionário”¹³.

13 C. L. R. James, “A revolução e o negro”, em M. Pablito et al., *A revolução e o negro*, op. cit., p. 37.